

## Entrada (Com)Texto

Esta é uma das quatro entradas dos leitores às crônicas de EtnoMatemaTicas anunciadas. É uma das vias de acesso às crônicas. Consiste neste hipertexto, última seção da Apresentação da Edição Especial “Crônicas de EtnoMatemaTicas Anunciadas”, da revista e-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis (v. 2025, n. 2), que, com este acesso específico, foi destacada como **Entrada (Com)Texto**, com o objetivo de dar maior destaque às crônicas e aos seus cronistas.

Respeitando a ordem de submissão, a **Entrada (Com)Texto** apresenta nominalmente cada cronista e descreve brevemente cada crônica, aspeando alguns de seus trechos e disponibilizando seu conteúdo integral pelo *hiperlink* inserido no seu título. Ao clicar em um título, os leitores encontrarão uma página individual da referida crônica, com: dados do cronista (nome, foto e minibiografia); título, resumo e palavras-chave em três idiomas, português, inglês e espanhol, exceto uma cujo cronista acrescentou o italiano; um botão, “Ler Crônica completa (PDF)”, que leva à crônica.

As crônicas trazem concepções, graças, criatividade, sentimentos, criticidades, dentre tantas subjetividades dos seus cronistas, como expressões e jeitos de se expressar, outras manifestações dos distintos *etno* da crônica ou do cronista. Em todo o processo, a Curadoria cuidou de comunicar-se com cada cronista, a partir de sugestões e diálogos e do respeito às suas individualidades, ciente da experiência pioneira de ambos e de suas diferenças, dentre elas a de mais de meio século na faixa etária. Por fim, partindo da suposição de que, nesta publicação, todos inauguram uma carreira no gênero literário, com referência ao Programa Etnomatemática, todos os autores foram titulados Cronistas, o que justifica este título antecedendo os seus nomes.

Então, vamos às crônicas por esta **Entrada (Com)Texto**!

As duas primeiras crônicas vieram da região Nordeste. Na [primeira crônica, Encontros e \(re\)encontros com a Etnomatemática: Curiosidade Epistemológica](#)



[Transformada em Práxis](#), a cronista *Elisama de Jesus Gonzaga Santos*, de Salvador, BA, provoca: “que tal etnomatematizarmos o Brasil e o mundo?”. A segunda crônica, [Entre fios, passos e estrelas: Aprendizados de um Professor em Timor-Leste](#), do cronista *Raimundo Santos de Castro*, de São Luís, MA, reflete acerca da Etnomatemática e da produção de uma ética, do conhecimento que “precisa ser enraizado para florescer – e as raízes não se fazem de fórmulas, mas de pertencimento.”.

A terceira crônica contextualiza-se na África: [Entre Números e Raízes culturais: Uma Crônica sobre a Matemática que se Recusa a Ser Cativa](#). Nela, o cronista *Ezequias Adolfo Domingas Cassela*, de Bié, Angola, externa o desejo de “uma Matemática que falasse a língua do meu povo, que se curvasse às curvas da história e não apenas às retas intransigentes da academia” e a escolha da “Etnomatemática para fazer dela um grito de resistência, uma insubordinação criativa diante de um sistema que tenta enjaular a minha voz e a minha história.”.

Vinda da região Norte, a quarta crônica é ribeirinha. Em [Entre o Giz e o Rio: Varadouros Epistemológicos na Educação Ribeirinha](#), o cronista *Rossival Cruz da Silva*, de Rio Branco, AC, traz uma questão inquietante, “Como explicar equações lineares a quem mede a vida pela cheia dos rios?”, concluindo que “a escola não é porto. É canoa.”. Em contraste, a quinta crônica vem da cidade mais urbana do país. Em [Pensar é divertido, na capelinha](#), o cronista *Valdemar Vello*, de São Paulo, SP, narra uma oficina que, apesar do local inusitado, o que “importava era pôr as mãos à massa”, contribuindo para o Programa de Educação Inclusiva, Social e Cultural.

Única do *etno* europeu, mas em situações “culturalmente muito heterogêneas”, na sexta crônica, [Acolher as propostas espontâneas dos alunos e torná-las uma cultura comum](#), o cronista *Giovanni Giuseppe Nicosia*, de Bologna, Itália, fala de transcultura e traz uma Etnomatemática que abre possibilidades. Para ele, “o espírito da observação etnomatemática foi de ajuda decisiva”.

“Por que a sociedade vive a violência?” Como este e outros questionamentos, na sétima crônica, [Quando a Etnomatemática Tocou a Alma de um Policial Militar](#), o cronista

*Marcílio Leão*, de São José do Rio Pardo, SP, externa seu sentimento de “que atravessou uma ponte”, a travessia “Da farda à Etno” que marcou sua “trajetória no meio acadêmico” ao concluir que “Etnomatemática não era apenas um campo de estudos. Era um projeto de vida”. Com sentimento similar, mas em outro contexto, o quilombola, na oitava crônica, [A conta das melancias](#), a cronista *Marizete Borges Silva Serejo*, de Penalva, MA, questiona-se: “se ao invés de tentar ‘traduzir’ esses saberes para o padrão da escola, eu começasse a escola a partir desses saberes?” E conclui: “Etnomatemática não é só uma abordagem alternativa. É uma ponte.”.

Na nona crônica, [Etnomatemática mostrou-me o meu povo](#), o cronista *Carlos Mucuta Santos*, de Dundo, Angola, confessa: “tendo nascido chokwe, [...] não conhecia o meu povo, como o conheço hoje”, e explica: “Etnomatemática me fez conhecer verdadeiramente a riqueza cultural, epistemológica, social, artística e técnica do meu povo.”. Essas considerações se alinham ao que traz a décima crônica, [Com as Pedras de Kudoda, Contamos Muito Mais que Números](#), quando cronista *Débora Maria dos Santos*, de Salvador, BA, estado com a maior proporção de afro-brasileiros, afirma que a Etnomatemática é “um campo do saber que reconhece os diversos modos de fazer matemática nas culturas ao redor do mundo” e o mundo, “uma sala de aula”.

A 11ª crônica, [Sol, rios, serra, culturas e uma aspirante a pesquisadora](#), chegou da região Centro-Oeste, focando a questão indígena. A cronista *Wanderleya Nara Gonçalves Costa*, de Pontal do Araguaia, MT, narra que foi preciso chegar ao doutorado para conseguir “efetivamente, conhecer mais sobre a etnomatemática dos *a’uwe xavante*”, encantar-se “com sua cosmogonia, sua teogonia e com seus ritos” e reconhecer “que etnomatemática de um povo é indissociável” de quaisquer “conhecimentos e manifestações culturais compartilhadas por membros seus.”. Com mesmo foco, mas procedente da região Norte, a cronista indígena, *Oholipahkó*, neta de *Wehetada*, *Rosane Gonçalves Cruz*, de São Gabriel da Cachoeira, AM, na 12ª crônica, [Entre fios de Tucum e trançados de saber: um olhar de dentro sobre a Etnomatemática nas mãos das mulheres indígenas](#), declara que “o que as instituições de ensino chamam de Etnomatemática é, para nós, vida cotidiana”, afirma que

“as matemáticas da floresta [...] produzem memória, identidade e permanência” e conclui: “nossa matemática não precisa ser traduzida para ser respeitada.”.

A 13ª crônica, [Contar, contar... ¿contar qué?](#), vem da América Central. Nela, a cronista *Ana Patricia Vásquez Hernández*, de Heredia, Costa Rica, fala de “*una concepción plural del acto de contar*”, de uma Etnomatemática que revela “*los sentidos sociales y la posibilidad de comprender otros mundos encubiertos*”. Em [As sementes da tradição no solo da Educação Matemática e antirracista](#), 14ª crônica, a cronista *Elaine Regina Chagas Santos*, de São Paulo, SP, narra a história de vida de Niara Ada, sua trajetória “para expandir os ensinamentos de sua avó [...], espalhar novas sementes, garantir que os valores culturais que herdara se transformassem em conhecimento vivo [...] terreno fértil para uma educação antirracista e decolonial.”.

[Jogo de sinais ou os sinais do jogo? Para pensar socioetnomatematicamente](#), 15ª crônica, do cronista *José Vilani de Farias*, de Natal, RN, parte da questão “(–) com (–) é (+)?” para refletir acerca do “ensino de uma matemática [...] que seja capaz de discutir divisão de renda que seja justa.”. Já o cronista *Arthur Constantino Dutra da Silva*, de Ibirapu, ES, em [O boi pelado e o encontro com outras matemáticas](#), 16ª crônica, conta que encontrou a Etnomatemática, e reencontrou seu Boi Pelado, quando descobriu, “com os povos Tupiniquim e Guarani, [...] que matemática [...] pode sorrir — e até dançar — se a gente deixá-la sair do armário pedagógico.”.

Da América do Norte, a 17ª crônica, [Las Matemáticas fluyen con el agua: el riego por gravedad y la ingeniería del campo](#), da cronista *Bertha Ivonne Sánchez Luján*, de Chihuahua, México, contextualiza-se numa comunidade rural, onde “*el valor de la Etnomatemática se hace presente, la Ecuación de Bernoulli, que parecía reservada para la academia, cobra vida en los campos de cultivo*”. No mesmo sentido, essa matemática acadêmica, “uma ciência exata, universal”, também foi a crença do cronista *Rafael de Oliveira Almeida*, de Chapadinha, MA, até sua pesquisa de conclusão da Licenciatura em Matemática. Em [Etnomatemática? Que bicho é esse?](#), 18ª crônica, ele revela: “encontrei exemplos de etnomatemática bem debaixo do meu nariz!”, concluindo que ela “acabou se

revelando uma porta para um mundo onde a matemática é viva, diversa e profundamente humana.”.

[A Matemática na Prisão](#), 19ª crônica, do cronista *Helismar Medeiros dos Santos*, de São Luís, MA, ocorre numa “unidade prisional de ressocialização”, onde a matemática se manifesta na plantação de uma horta, como “vida, conhecimento e esperança”. Na 20ª crônica, [Brincando se ensina, jogando se aprende: A Matemática pode ser divertida!](#), a cronista *Darlene Rieger Medeiros da Silva* relata que, para tornar mais agradáveis as aulas, criou “jogos matemáticos partindo de jogos que os alunos já conhecem” e que é por meio da Etnomatemática que relaciona “a potência de ensinar matemática com a cultura e os saberes” dos estudantes.

A 21ª crônica, [Joana do beiju](#), da cronista *Edjane dos Santos Gomes*, de Irará, BA, fala de uma “matemática de feira, aprendida na lida” da quilombola Joana, cujo beiju, também, “é herança, é resistência, é matemática de afeto”, mostrando a Etnomatemática como “um caminho de reconhecimento, dignidade e inspiração.”. Tendo alimento como mesmo foco, mas em outro contexto, em [Etnomatemática, culinária, meio ambiente e a Educação de Jovens e Adultos](#), 22ª crônica, a cronista *Dosilia Espirito Santo Barreto*, de Guarulhos, SP, comenta “quanta Etnomatemática há na vida, na cultura e no trabalho das pessoas”, ao relatar uma prática pedagógica envolvendo culinária, matemática, saúde e preservação ambiental.

Para o cronista *José Eduardo Roma*, de Salto, SP, da 23ª crônica, [EtnoMatemáticas: Saberes e Caminhos Traçados pelos Mestres que Transformam a Educação](#), Etnomatemática nasceu “como um movimento, um ato de libertação” e sua crônica constitui um tributo aos que lhe “mostraram que a matemática pode ser semente de justiça, paz e transformação social.”. No mesmo sentido, na 24ª crônica, [Entre Números e Travessias](#), o cronista *Cristiano Gomes de Oliveira*, de Itaguaí, RJ, conta que a Etnomatemática lhe apareceu em aula, “como quem acende uma lanterna em meio à neblina”, iluminando “saberes entrelaçados à terra, ao mar, aos ritos, às práticas cotidianas [...]”, aulas que “viraram sementes, não eram apenas mais um punhado de teorias”.

Ademais, sua certeza de que “é pela Etnomatemática que podemos conquistar a admiração dos nossos estudantes”.

A 25ª crônica, [Quando a palavra vira cálculo e o cálculo vira canto](#), da cronista *Rafaela de Sousa Melo*, de Abaetetuba, PA, inspira-se na carta de Bepkrô, um professor indígena Kayapó, concluindo que é em uma “ética do encontro que a Etnomatemática se ancora”, que “reconhecer, também, é um ato político e poético” e, nesse contexto, ensinar “não é impor fórmulas, mas criar espaços de reconhecimento.”. Também da região Norte, na 26ª crônica, [Etnomatemática Puruborá: Uma Jornada Pelos Saberes Ancestrais](#), o cronista *Luiz Antonio dos Santos Magalhães*, de Seringueiras, RO, relata sua experiência docente na Aldeia Aperi, “um etnoconhecimento que, de alguma forma, anunciava a etnomatemática [...] como um compromisso com a preservação e a valorização de saberes fundamentais para a identidade e o futuro de um povo.”.

A 27ª crônica, [Das mãos à mente: saberes matemáticos das mulheres artesãs da Mata Sul de Pernambuco](#), do cronista *Manoel Arthur Barbosa Correia*, de Palmares, PE, discorre sobre formação de matemática, Empreendedorismo Individual, para artesãs, “seus saberes [...] potentes justamente por emergirem da vida.”. A 28ª crônica, [Quando a jiboia desenhou meu nome no céu](#), do cronista *Morane Almeida de Oliveira*, de Rio Branco, AC, contextualiza-se em ritual de Ayahuasca e curso indígena, conduzido por um pajé, mestre da floresta. O autor narra o encontro com “sua identidade espiritual”, como um “ser em travessia [...] movido pela vontade de reconciliar-se com o mundo [...] aprender sua linguagem secreta [...]: Etnomatemática.”.

Na 29ª crônica, [Entre as cores das matemáticas, traços que atravessam](#), a cronista *Dayla Costa Guedes*, de Paço do Lumiar, MA, reflete acerca de “diferentes formas para se encantar”, de manifestações e práticas matemáticas “na arte urbana, em particular no *graffiti*, em [...] São Luís”. A 30ª crônica, [Etnomatemática: uma voz silenciada na Base](#), do cronista *Adriano Fonseca*, de Araguaína, TO, parte do questionamento “Por que a Etnomatemática está muda na Base?”, referindo-se à Base Nacional Comum Curricular, aos “sussurros etnomatemáticos”, à “Etnomatemática silenciada” e à sua força para “(R)Existir”.

Em [Entre Flores, Berimbau e Ideias: Quando D'Ambrosio entrou na minha Sala de Aula](#), 31ª crônica, a cronista *Geciara da Silva Carvalho*, de Salvador, BA, relata uma experiência em um curso de Licenciatura em Matemática a distância, na qual “a presença de Ubiratan D'Ambrosio saltou aos olhos como prática viva da Etnomatemática”. Já na 32ª crônica, [“Por que vocês chegam atrasados no primeiro tempo de aula?” Uma experiência com as etnomatemáticas das medições do bairro](#), o cronista *Márcio de Albuquerque Vianna*, do Rio de Janeiro, RJ, relata uma proposta para compreender o problema da questão, considerando que os “‘atravessamentos’ entre a matemática escolar e as etnomatemáticas presentes nas práticas populares levaram os estudantes [...] a atuarem e a participarem de maneira mais efetiva, afetiva e ativa das aulas.”. E na 33ª crônica, [O Avô, o Aluno e a Professora](#), a cronista *Nathália Lima Ferraz*, de Santo Antônio de Pádua, RJ, traz uma experiência pedagógica, cujo “novo ponto de partida” foi o imprevisto de um estudante arrumando um jogo de dominó, que a levou a compreender “que a Etnomatemática não é uma técnica ou um método, mas um encontro entre mundos”.

Na 34ª crônica, [Las matemáticas de todos los días: una mirada desde las prácticas sociales](#), a cronista *María Teresa Martínez Acosta*, de Chihuahua, México, revela que sentiu “un cambio en la visión que tenía hacia el conocimiento matemático: la etnomatemática”, concluído que “si nos reconociéramos como sujetos que construyen y transmiten conocimiento en cada acción diaria, se abriría el camino para una educación más inclusiva y significativa.”. A 35ª crônica, [Diálogo entre dois Mundos: uma conversa de corredor sobre etnomatemática entre um matemático teórico e um educador matemático](#), do cronista *Humberto José Bortolossi*, Niterói, RJ, traz um registro de uma conversa real, na qual uma matemática “busca aconselhamento [...] sobre o desafio que está prestes a enfrentar” como docente na Licenciatura e, dentre outros, o educador matemático comenta sobre o “bom hábito de triangular perspectivas” e que “ouvir pessoas de outras comunidades sempre nos coloca para pensar!”.

Na 36ª crônica, [Saberes da Terra: como a roça ensina na prática](#), a cronista *Denise dos Santos Oliveira*, de Barreiras, BA, fala sobre a importância de revisitar sua “própria

história enquanto filha da roça”, e sobre a Etnomatemática que, além das lentes que lhe ofereceu “para enxergar essa matemática viva”, “deixou de ser um termo nos livros e virou janela aberta.”. A 37ª crônica, [Um olhar etnomatemático sobre o cotidiano escolar: entre trenas, bolos e feiras](#), da cronista *Renata Aparecida da Silva*, de Juara, MT, mostra ações que conectam “conhecimentos de mundo com os saberes escolares”, considerando a Etnomatemática, ponto de mudança da “lente pedagógica”, e “discussões do Canal Matemática Humanista”.

Em [Matemática, cultura e o costume de tomar mate](#), 38ª crônica, o cronista *Martin Nicolás Rodríguez Zamit*, de Ibirité, MG, um uruguaio, relata a importância da prática cultural de tomar mate em sua experiência no Brasil, pois o “afeta positivamente [...] por fazê-lo se sentir em casa”. Já na 39ª crônica, [La Etnomatemática como una nueva forma de saber/ hacer matemáticas en el aula](#), a cronista *Roxana Auccahuallpa Fernandez*, de Cuenca, Equador, uma peruana que relata seu acolhimento no Equador, um país “cuya extensión permite conocer todas las diversidades”, e seu trabalho na formação docente, ensinando “la Etnomatemática como el programa de investigación que nos acerca al reconocimiento de los saberes propios de los grupos socio-culturales”.

Na 40ª crônica, [A Matemática que vem da terra: Ao encontro da Etnomatemática](#), o cronista *Vinicius Gabriel Silva Barros*, de Jucurutu, RN, relata como descobriu a Etnomatemática, nas “práticas cotidianas de seu avô, um agricultor”, e como a utiliza, como professor, pois “etnomatemática vai muito além do simples reconhecimento dos saberes dos alunos [...] ela representa uma forma de inclusão [...] no sentido de dar voz e visibilidade [...]”. Em [A Etnomatemática na pele de um bissau-guineense](#), 41ª crônica, o cronista *Isna Gabriel Sia*, de Bissau, Guiné Bissau, residente em Rio Claro, SP, conta que foi numa oficina que descobriu “a Etnomatemática [...] um saber que se constrói nas tramas do cotidiano, [...] seguiu na contramão do racismo sistêmico”, e afirma: “representou, para mim, um reencontro com minha própria identidade.”.

A 42ª crônica, [Tikas, Toks & Truks – Desafios Virtuais: uma experiência única em projeto comunitário](#), da cronista *Vera Lucia R. Laporta*, de São Paulo, SP, traz uma atividade

lúdica, *online*, desenvolvida em escolas públicas de 16 estados de três regiões brasileiras, por ela denominada “Tikas, Toks & Truks - Desafios Virtuais, título este inspirado no neologismo ‘Etnomatemática’ criado por D’Ambrosio”. A 43ª crônica, [A Esposa das Palavras e a Amante dos Números](#), é da cronista *Raíza Gonçalves Santos*, de Vitória da Conquista, BA, que já desenvolve “Crônicas para o Ensino de Matemática (CEM)” na Educação de Jovens e Adultos (EJA), compreende “que a Etnomatemática se revela em diversas experiências vividas” e não receia mostrar “o quanto é importante não propagarmos a ideia de que Matemática e a língua materna não podem andar de mãos dadas.”

A 44ª crônica, [Vou te mostrar minha ciência!](#), do cronista *Thiago Donda Rodrigues*, de Paranaíba, MS, relata uma experiência em torno da ciência de calcular “o peso de um bovino vivo no ‘olhômetro’”, de um trabalhador rural e “astuto negociante de gado.”. Na 45ª crônica, [Era uma vez uma conta](#), a cronista *Camila Santos da Silva*, de São Paulo, SP, conta que corria “atrás de uma matemática que [...] fizesse sentido”, que mexesse com ela, até conhecer “o Programa Etnomatemática”, quando seus “olhos, que já estavam cansados de tanto procurar sentido nos números, finalmente brilharam [...]”. Foi como planificar um sólido que eu não sabia que existia.”

A 46ª crônica, [Entre saberes e culturas: minha caminhada com a Etnomatemática](#), do cronista *Matheus Moreira da Silva*, de Goiânia, GO, conta a trajetória do autor que “transcende o aprisionamento acadêmico técnico-científico, voltando-se para a problematização da mudança, da realização e da transformação do lugar de onde se fala”, sua percepção de Etnomatemática como “um território de escuta, reconhecimento e construção de sentidos [...] um caminho ético e político de ser professor”. Já a 47ª crônica, [Entre Encontros e Encantos: a jornada intercultural de uma pesquisadora](#), da cronista *Maria de Lourdes Pereira Lima Neta*, de Amargosa, BA, traz a trajetória da autora “como jovem da zona rural [...] que encontrou na Educação um caminho de transformação” e que aprendeu com a Etnomatemática “que há poesia nos gestos cotidianos, que há lógica nas mãos calejadas que ralam a mandioca”.

Em [Caminhando pelo centro de São Paulo: primeiras lições em Etno, Matema e Ticas](#), a 48ª crônica, o cronista *Alexandre Silva D'Ambrosio*, de São Paulo, SP, traz memórias com seu pai, Ubiratan D'Ambrosio, em especial, “um momento de inflexão” na adolescência. Em uma das caminhadas, foram surpreendidos com uma pergunta de um desconhecido sobre a proximidade do fim do mundo, seu pai demonstrou interesse, estabeleceu um diálogo, deixando o homem “explicar sua teoria” até quando “completou sua tese [...], se despediu e foi embora.”. Depois, ouviu de seu pai que “muitas revoluções científicas partiram de ideias [...] rejeitadas por serem ‘loucuras’”. Hoje, ele percebe “como o conceito de ‘etnomatemática’ [...] tem sua base nos mesmos princípios” que testemunhou naquela caminhada.

Na 49ª crônica, [Na encruzilhada de seu Exu](#), o cronista *Jonson Ney Dias da Silva*, de Vitória da Conquista, BA, inspirado na figura simbólica de Exu, foca uma encruzilhada, “uma grande sala de aula [...] uma escola [...] com uma lousa viva feita de encontros, vozes e saberes [...] onde o currículo é o cotidiano e onde o tempo de aprender não tem sino para tocar.”. Em [Crônica de EtnoMatemaTicas anunciadas e denunciante, em três tempos](#), 50ª crônica, a cronista *Jéssica Lins de Souza Fernandes*, do Rio de Janeiro, RJ, como sugere o título, explica que “é contada em três tempos: princípio”, quando tinha o desejo de “botar meu bloco na rua”, “não sabia ainda como, mas tinha um onde e um porquê; o meio, quando uma *matema* lhe foi anunciada, “seria possível pensar o desfile das Escolas de Samba como uma EtnoMatemaTica?”, e o novo princípio, quando entende que “Escolas de Samba, [...] por meio de suas *ticas* de *matema*, [...] têm potencial de educar toda sociedade brasileira”.

A 51ª crônica, [Quando a Colmeia Ensina: Crônica de uma Matemática de Saberes Vivos](#), do cronista *Kelven Farias Pereira*, de Concórdia do Pará, PA, relata uma aula, na qual “as abelhas sem ferrão viraram professoras” e a Matemática ganhou “cheiro de mel, textura de cera e som de zumbido.”. Na 52ª crônica, [A matemática é racista? Reflexões acerca da educação matemática e as relações étnico-raciais em disciplina eletiva do ensino superior](#), o cronista *Elisson Bezerra Nascimento*, de Caruaru, PE, fala que a

matemática que conhecia, até seu ingresso na Licenciatura em Matemática, “era muito crua, limitada e... racista”, que educadores devem “reconstruir esse olhar sobre a matemática, tornando-o mais humanizado e democrático” e que a Etnomatemática possibilita “entender uma matemática que vai além do que pode ser captado pelo rigor da linguagem matemática pura e acadêmica.”.

A 53ª crônica, [Hoje é dia de quebrar coco!](#), da cronista *Kelly Almeida de Oliveira*, de Codó, MA, contextualiza-se numa comunidade quilombola, formação de mulheres, Quebradeiras de coco babaçu, quando a Etnomatemática cruzou a vida da autora, mostrando-lhe a necessidade de buscar “a alteridade de saberes em comunidades tradicionais”, como “uma forma de diálogo, pela qual podemos acessá-los, compreendê-los, valorizá-los e difundi-los.”. Já na 54ª crônica, [Corpo-Sala Etnomatemático](#), a cronista *Cronopie+ Mariana da Costa Müller*, de Rio Claro, SP, foca “uma disciplina com temáticas envolvendo Etnomatemática”, cujo professor “almejava uma coparticipação e corresponsabilidade de todas as pessoas participantes”, e o “Diário de Afetos do Corpo-Sala”, sua “primeira verdadeira experiência com a Etnomatemática”. E em [A Magia da Matemática](#), 55ª crônica, o cronista *Brendo Adryan Bazilio*, do Rio de Janeiro, RJ, fala de um projeto de educação não formal, de estudantes desmotivados e frustrados com a disciplina Matemática, até ele apresentar “o termo etnomatemática” e perceber “que eles logo se mostraram curiosos para entender o que significava essa palavra nova e um pouco complexa”, o que implicou melhoras no interesse e nota, sua contribuição “para uma nova perspectiva entre os estudantes e a matemática.”.

Na 56ª crônica, [Quando acho nunca mais perco: crônica de um “encontro marcado” com a Etnomatemática](#), a cronista *Eliane Costa Santos*, de Salvador, BA, conta que esse encontro se deu quando decidiu pegar, no chão, uma capa de revista suja e rasgada, na qual aparecia a palavra Etnomatemática, e pondera: “assim sigo etnomatematizando, ora epistemologicamente, ora metodologicamente ... o que está certo? Não sei... sei que sigo.”. A 57ª crônica é também de uma soteropolitana, mas é a única representante da região Sul do Brasil. Em [Trilhando o meu caminho](#), a cronista

*Cláudia Teles Santana*, residente em Blumenau, SC, traz recortes de sua própria história, afirmando que a Etnomatemática entrou em sua “vida para ressignificar o que é ensinar de forma mais significativa, mais humana e mais realista.”.

[“Luonji musuku mahunda, jimo dinene kusema”](#): encontro com o Programa Etnomatemática e com Ubiratan D’Ambrosio, 58ª crônica, da cronista *Cristiane Coppe de Oliveira*, de Ituiutaba, MG, é o provérbio africano que inspira a autora a relatar “momentos e movimentos Sankofa” que alargaram a sua “família acadêmica [...] no contexto do Programa Etnomatemática.”. Também voltada para a sua trajetória acadêmica e destacando o “coração de estudante, de alegria e muitos sonhos”, na 59ª crônica, [Há que se cuidar do broto pra que a vida nos dê flor e fruto: relatos de uma estudante em seu encontro com a Etnomatemática](#), a cronista *Andréia Lunkes Conrado*, de Rio Claro, SP, declara sua gratidão pela Etnomatemática e sua “esperança de que possamos, com a Etnomatemática, acolher e alimentar um sonho comum em favor de uma outra Educação Matemática possível.”.

Por fim, a 60ª crônica, última desta Edição Especial, [Um Aquiles em minha história: a etnomatemática que valoriza e liberta!](#), contextualiza-se na Educação Rural. A cronista *Aldivania Alves Salvador Wernz*, de Águia Branca, ES, entende que “educação de verdade é aquela que toca, transforma e deixa marca, nasce do encontro entre pessoas”, que Etnomatemática “é a riqueza dos conhecimentos de cada cultura” e que “perceber que cada história de vida é uma peça importante no quebra-cabeça do conhecimento faz toda a diferença.”. E ela traz a história de Aquiles, um estudante do 8º ano que “não gostava de estudar, diziam”, e sua certeza de que “ninguém nasce sem curiosidade. Às vezes, só falta alguém acender a faísca certa.”.

(Com)Texto para agradecer os amantes da leitura e das viagens por contextos os mais variados, a **Entrada (Com)Texto** está sempre aberta aos que se permitirem experimentar o efeito em leque da diversidade de possibilidades investigativas e pedagógicas do Programa Etnomatemática.